

# PERSPECTIVAS E ATUALIDADES DA PESCA ARTESANAL: UM ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE DE FORTE VELHO – PB

*Janaína Barbosa da Silva e  
Cleber Vasconcelos de Oliveira (in memoriam)*

## INTRODUÇÃO

**A**presentados e reconhecidos como agentes detentores dos segredos e saberes das águas; – pescadores e pescadoras – ressentem-se historicamente de políticas garantidoras de aportes estruturantes que assegurem a manutenção sustentável da atividade, tanto no nível ecológico, como nas garantias trabalhistas. No Brasil, o agravamento da problemática está estritamente atrelado às políticas modernizantes da pesca e agricultura tradicionais a partir dos Governos militares (1964-1985) e, sobretudo, Neoliberais da década de 1990 que sistematicamente direcionaram investimentos a um modelo produtivo versado à

racionalização e modernização da atividade com vistas o atendimento do mercador externo, desconsiderando, portanto, contextos socioeconômicos e culturais desses atores dentro de uma perspectiva macrorregional nacional.

Desse modo, os interesses diversos por trás da (re)formulação das prioridades de investimento, conjuntamente com a exploração desordenada dos estoques, corroboraram, por ampliar a crise da produção, dos mercados, da sustentabilidade ambiental e conseqüentemente a capacidade de organização dessas populações (DIEGUES, 1999; CAPELLESSO; CAZELLA, 2011).

Estes entraves têm suscitado a temática, numa perspectiva multidisciplinar; notadamente interessada nas relações de *trabalho e gênero* e *organização e territorialidade e ambiente e sociedade* do mundo alusivo à pesca nos mais variados contextos regionais. São referenciais nesse campo de estudos os nomes de Simone Maldonado, Cristiano Ramalho, Antônio Carlos Diegues, Câmara Cascudo, Lourdes Furtado, Alex Fiúza, Maria Cristina Maneschy e Violeta Loureiro, apenas para citar alguns.

O saber empírico advindo da pesca advém do acesso de um conjunto de pesquisas acerca do conhecimento das espécies, a seletividade dos recursos, a territorialidade dos espaços de pesca, ambiente sociocultural do pescador e seus eventuais conflitos no espaço marinho e terrestre (DIEGUES, 2004). O *Know-how* obtido a partir dos “povos das águas” tem sido relevante, sobretudo, nos campos da Ecologia e Etnoecologia marinha, manejo dos estoques e no ordenamento pesqueiro (BEGOSSO, 2004). Nesse aspecto, a etnografia pesqueira – Campo das Ciências Sociais que estuda as populações pesqueiras – remonta a década de 1945 e tem Gioconda Mussolini como pioneira no empreendimento dos estudos relativos aos aspectos socioambientais e técnicos das pescarias caiçaras no litoral paulista (OLIVEIRA; SILVA, 2018).

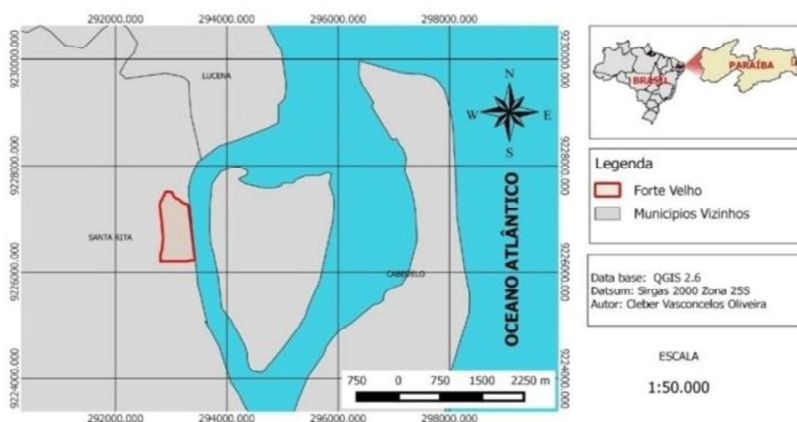
Alinhavada, historicamente, com as Ciências Sociais, a etnografia pesqueira é vertente “dissidente” da antropologia cultural ao refutar o interesse *per se* nas sociedades primitivas e seus sistemas econômicos simples para ampliar o campo de compreensão em torno da organização econômica, trabalho, seletividade das espécies, calendário produtivo, petrechos, técnicas e o tempo dedicado à pesca (RODRIGUES; GIUDICE, 2011). Desta forma, a atuação da etnografia pesqueira busca elencar as emergentes dinâmicas em torno da organização e significação do espaço dentro das pescarias e, sobretudo, fora dela (MUSSOLLINI, 1945; DIEGUES, 1999; 2004).

O saber nativo, na construção histórico-identitária, na descrição dos petrechos e técnicas de pesca empregadas e identificação dos possíveis conflitos e ameaças verificados na sociedade pesqueira da comunidade Forte Velho, PB, foi o grande objetivo desta pesquisa. Caracterizar socioeconomicamente a atividade, a localização dos espaços pesqueiros, os limites espaciais das áreas produtivas, os diferentes arranjos produtivos empregados e a percepção ambiental da pesca entre os pescadores, também é uma forma de compreender como essa comunidade está organizada na atualidade.

Conhecer a atual condição de vida de uma comunidade pesqueira tradicional é, sobretudo, registrar na história sua condição atual, evidenciar seu modo de vida, bem como suas dificuldades, trazer perspectivas futuras e de pleitos importantes desses para com seus líderes, por exemplo. Destarte, essa pesquisa objetivou diagnosticar a condição socioambiental da Comunidade pesqueira tradicional de Forte Velho, na Paraíba.

## A ÁREA DE ESTUDO

A comunidade de pescadores e pescadoras de Forte Velho é território pertencente ao município de Santa Rita, e localiza-se estrategicamente no ponto do complexo natural estuarino do Rio Paraíba do Norte, que congrega o tributário dos rios: Rio Paraíba, Tiriri, Paroeira, Ribeira, Guia, Sanhauá, Timbiá e Mandacaru, compondo uma planície flúvio-marinha de aproximadamente 260 km<sup>2</sup> (MADRUGA, 1992; GUEDES, 2002; MARCELINO et al., 2005; AESA, 2013) (Figura 1).



**Figura 1.** Mapa de Localização do Estuário do Rio Paraíba.

Localização da comunidade de Forte Velho, PB.

A composição natural do Estuário do Rio Paraíba do Norte – ERPN abrange Florestas de Mangue, Cordões Arenosos, Crôas e Gamboas comumente acessadas por inúmeras comunidades ribeirinhas ao largo de todo o estuário (GOVERNO DA PARAÍBA, 2006). No grupo vegetal, as espécies de mangue *Rhizophora mangle L.*, *Laguncularia racemosa*, *Avicennia germinans* e

*Conocarpus erectus L.* predominam, nos mais de 5.500ha (ARAUJO, 2014), e corroboram com importantes serviços ecossistêmicos para grupos zoológicos diversos de aves, mamíferos, peixes, elasmobrânquios e bentos (NISHIDA, 2000; GUEDES, 2002, p.12).

A preservação deste relevante refúgio ambiental está assegurada na Portaria Ministério do Meio Ambiente N. 9 de 23/01/2007 (BRASIL, 2007), que trata das áreas prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade brasileira.

Não obstante, estudos apontam que problemas ambientais decorrentes da deficiência no saneamento básico da Região Metropolitana de João Pessoa têm elevado os níveis de poluição, com especial atenção aos parâmetros de coloração, oxigenação, dissolução de nitritos e coliformes termotolerantes, colocando o estuário em alerta ambiental (FAO, 2017; SOUZA et al., 2013). Esses agentes, se agravados, podem comprometer a atividade pesqueira e as comunidades, inviabilizando a longo prazo a pesca artesanal e a fonte de renda e recurso alimentar dessas populações (LIMA, 1999; ARAÚJO, 2014).

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

No período compreendido entre dezembro de 2017 e abril de 2018 foram realizadas as pesquisas com os pescadores de Forte Velho. A abordagem utilizada foi qualitativa, com a utilização de técnicas aportadas na coleta de dados, entrevistas individuais e análise do discurso, tendo esta última premissa baseada em Foucault (2007b), quando a considera “uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia exata”.

A execução da pesquisa de campo estabeleceu-se em quatro visitas a Forte Velho, onde respectivamente houve: (i) reconhecimento da área (ii)

marcação dos pontos de pesca; (iii) aplicação do questionário de validação (pré-teste) e (iv) aplicação do questionário definitivo.

Os questionamentos realizados auxiliam na apreensão da importância socioeconômica da pesca ao analisar: escolaridade, estado civil, idade, tipo de imóvel, exercício de atividade remunerada extrapesca, rendimento médio familiar, espécies mais pescadas, petrechos, características da atividade (individual, familiar ou em grupo), tempo de experiência na pesca e percepção socioambiental. As variáveis socioeconômicas estão analisadas, descritivamente, por meio de quadros e tabelas.

Procurando compreender as relações de trabalho e produção social dos pescadores artesanais, este trabalho permeia sua caracterização socioeconômica; localização espacial das áreas produtivas; identificação dos tipos de manejo empregados e a percepção ambiental da atividade entre os pescadores da comunidade Forte Velho, no estuário-manguezal do Rio Paraíba, no Estado da Paraíba. Onde três foram as etapas de realização da pesquisa.

A primeira remete a identificação dos pesqueiros previamente às entrevistas semiestruturadas. Auxiliou-nos nessa etapa de verificação em lócus, um ex-pescador e ex-presidente da colônia Z-11. As coordenadas dos pontos de pesca foram realizadas pelos pesquisadores através de aparelho receptor GPS Garmin eTrex 10 de baixa acurácia posicional, posteriormente transferidas para o software *GPS TrackMaker* versão livre 13.8.

Para a segunda, essa ocorreu em 18/01/2018 com a aplicação do questionário piloto e num grupo de 11 pescadores, os quais, seis homens e cinco mulheres. A pré-teste tem por base o método de Aaker et al. (2001) e Hair et al. (2004, p.230) na mitigação de erros, ambiguidades, lacunas ou exageros do questionário no *layout* final. A escolha dos participantes segue o

método *Snowball* proposto por Bailey (1982), onde o recrutamento inicial do primeiro entrevistado foi sugerido pelo presidente da Colônia e finalizado quando alcançadas as consistências informativas pretendidas.

Por fim, a terceira etapa ocorreu entre os dias 27/04/18 a 2/05/18, sendo realizado individualmente pelo mesmo pesquisador nos diferentes espaços de vivência dos pescadores. Estava compilado em 35 perguntas organizadas: (1) aspectos socioeconômicos; (2) característica da pescaria; (3) percepção socioambiental da pesca. Participaram 35 pessoas; 25 homens e 10 mulheres, correspondendo a 20,46% do grupo amostral de 171 pescadores inscritos na Colônia.

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal de Campinha Grande – UFCG, sob o registro N. 81575317.3.0000.5182.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### ***O Perfil Socioeconômico dos Pescadores***

Demonstra que 61,2% têm rendimento médio familiar inferior a um salário mínimo; 25,8% um salário, e acima de dois salários, 9,67%. Sobre este aspecto, Marcelino et al. (2005), apontavam que o rendimento médio dos pescadores do ERPN foi de 0,90 salário mínimo em 1998, denotando que mesmo decorridos 20 anos, a pouca capilaridade de capital auferida na pesca artesanal permanece.

Variações de ordem ambiental e/ou econômica impactam sobremaneira a atividade, tornando os pescadores vulneráveis a essas flutuações. A dependência destes que tem na pesca única fonte de rendimento chega a

alcançar 59,5%. Não obstante o rendimento familiar reduzido, foram identificados melhorias nas construções dos imóveis, hoje representando 93,5% erguidas em alvenaria (Figura 2).



**Figura 2.** Evolução do perfil das casas dos moradores de Forte Velho. Perfil dos imóveis até década de 1990 (B) imóveis coloridos em alvenaria a partir de 2000 (A).

Fonte: (A) Arquivo Família Pessoa; (B) Cleber Oliveira, 2018.

Nesse contexto, a dependência exclusiva da pesca, atrelada as suas variações e aos baixos soldos, motiva o pescador a complementar sua renda. Consoante Marcelino et al. (2005, p.186), ressalta que a busca de ganhos fora da atividade pesqueira está relacionada a redução dos estoques, sobretudo a partir da década de 1990, quando a importância da profissão passa a ser ressignificada entre os pescadores. Outrossim, emergiram profissões complementares extrapesca como pequenos serviços na construção civil, manutenção, conservação e vigia de imóveis de segunda residência de moradores de veraneio, além de serviços correlatos ao turismo em menor proporção.

Sobre estes aspectos Diegues (1999), salienta que a precarização das condições socioeconômicas do pescador, tal como a atividade pesqueira não é um fenômeno exclusivo da costa nordestina, mas espalha-se para regiões reconhecidamente prósperas a exemplo da região amazônica, onde



notadamente as comunidades ribeirinhas têm sido igualmente impelidas às práticas secundárias à pesca, notadamente o turismo e a prestação de serviços como alternativa de subsistência familiar.

Sobre esse fato, Lima et al. (2012) apontam que 47,5% dos pescadores do médio Rio Madeira, São Carlos e Calama desaconselham a prole a seguir a carreira dos pais; enquanto Amanajás (2018) registrou no Oiapoque 31,68% daqueles que almejam ver a prole em outras profissões. Em Forte Velho esse indicador foi bastante significativo, alcançando 53% dos entrevistados.

O ensino em Forte Velho conta com duas escolas da Rede Pública. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Eulina Xavier que oferece matrícula na pré-escola, enquanto a outra estadual, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Forte Velho, dirigida à oferta do ensino fundamental (séries iniciais e finais), bem como o ensino médio regular e na modalidade (Educação de Jovens e Adultos – EJA). Os espaços atendem a alunos de Forte Velho e das comunidades próximas como Ribeira e Livramento (CENSO ESCOLAR/INEP, 2017).

Neste sentido, 31% dos pescadores declararam ter concluído o ensino médio; 62,55% o fundamental e 6,45% não são alfabetizados. Aqueles com certificado de conclusão de Ensino Médio têm obtido melhores ofertas de trabalho, sobretudo, na pesca profissional principal cooptadora de profissionais com escolaridade de nível Médio, tanto em Forte, Lucena e Cabedelo, para trabalharem normalmente fora da Paraíba e não raro, até fora do país.

Com pagamentos melhores e garantias trabalhistas asseguradas, as jornadas laborais nos navios tem atraído o interesse dos mais jovens, repercutindo, sobremaneira, no comprometimento da manutenção da tradição pesqueira comunitária. Diferentes grupos de pescadores entrevistados

(pescadores, marisqueiros e catadores de caranguejo) e sua prole, reiteram o desinteresse na herança da profissão dos pais. As dificuldades e poucas perspectivas futuras na profissão os motiva almejar campos profissionais mais atrativos financeiramente; esses certamente vislumbrados fora de Forte Velho.

A reconfiguração econômica em torno da pesca é reflexo dos ditames dos “novos tempos”. Tempos esses infligidos pela competitividade capitalista, onde a informação e capacitação pessoal são prerrogativas mínimas para se destacar frente às novas e complexas demandas do mercado (Tabela 1).

**Tabela 1.** Caracterização socioeconômica dos pescadores.

Rendimento familiar médio	≤ 01 salário mínimo;	N 22
	Igual a 01 salário;	N 09
	≥ 02 salários	N 04
Escolaridade	Não alfabetizados	N 03
	Ensino Fundamental	N 23
	Ensino Médio	N 09
Tipologia do imóvel	Madeira	N 02
	Alvenaria	N 33
Exercício de outras atividades remuneradas	Sim	N 15
	Não	N 20

Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Assim, a relação em torno da reformulação no projeto de vida e a consequente redução no interesse pela atividade pode estar justificada no maior acesso educacional aos residentes locais, e a projetos de inclusão social e cidadania proporcionada nas duas escolas públicas em funcionamento na comunidade.

A idade dos pescadores de Forte Velho oscilou entre 23 e 70 anos. Dos entrevistados, 38% postularam ter iniciado a pesca ainda crianças. Assim, o tempo laboral médio na pesca entre os entrevistados foi de 29,8 anos (Tabela 2).

**Tabela 2.** Perfil da pesca dos entrevistados.

<b>Entrevistados (N) 31</b>	<b>Frequência</b>
<b>Idade Média</b>	45,9
Máxima	70
Mínima	23
<b>Tempo médio profissão (anos)</b>	29,8 anos
Mínimo	4 anos
Máximo	45 anos
<b>Dias trabalho (semanal)</b>	≈ 4,2 dias
Máximo	6 dias
Mínimo	2 dias
<b>Horas trabalhadas (diária)</b>	≈5h
Mínimo	3h
Máximo	5h
<b>Acesso ao ponto de pesca</b>	
Barco (Caíco)	89,5%
Pés	4,5%
Ambos	6%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Neste caso, a média etária dos pescadores de Forte Velho é parecida com a de outros pescadores ribeirinhos brasileiros, assim registrado por Petreire Jr. et al. (2006), Silva (2006), Silva (2012) e Lima et al. (2012). A média de dias trabalhados na semana oscila entre dois e seis dias, registrando média de 4,2 dias/semana. A média de horas trabalhadas/dia varia de três e cinco horas

(75,2%) e, mais de cinco horas (24,8%), sobretudo entre os marisqueiros e catadores de caranguejo.

A tradição da pesca em Forte Velho e nas demais povoações que habitam a margem esquerda do estuário do Rio Paraíba, resiste enquanto atividade econômica preponderante para 59,5% dos pescadores. Levantamento das profissões dos ascendentes diretos dos pescadores entrevistados aponta que 43% decorrem de intergerações que praticavam a pesca e a agricultura concomitantemente, confirmando o caráter dual da economia rural dos grupos sociais mais antigos.

O uso da embarcação denominada Caíco é significativo para 89,5% entre os entrevistados; porém, 4,5% mencionam que não usam o transporte; enquanto 6% seguem tanto a pé, como de Caíco para o local da pesca, a depender da oportunidade de pesca, condições de tempo e operação da embarcação (Figura 3).

Independente da tipologia do pescador: de peixe, marisqueiro ou catador de caranguejo, observou-se ser comum o emprego de carroças artesanais puxadas à mão. Nestas, levam os seus equipamentos de casa como motor de rabeta, combustível, remos, água potável, faca/facão e demais petrechos. No fim da jornada, trazem também os pescados capturados no dia. A rotina de preparação para a pesca é majoritariamente matutina, ainda na maré baixa e tem na *prainha* (em Frente a Forte Velho) o ponto principal de embarque e desembarque dos Caícos.



**Figura 3.** Organização e preparação para a pesca. (A) pescador preparando a rede, (B) Carrinho artesanal trazendo os equipamentos e petrechos de pesca, (C) Caíco preparado e pescadores zarpando para a pescaria diária.

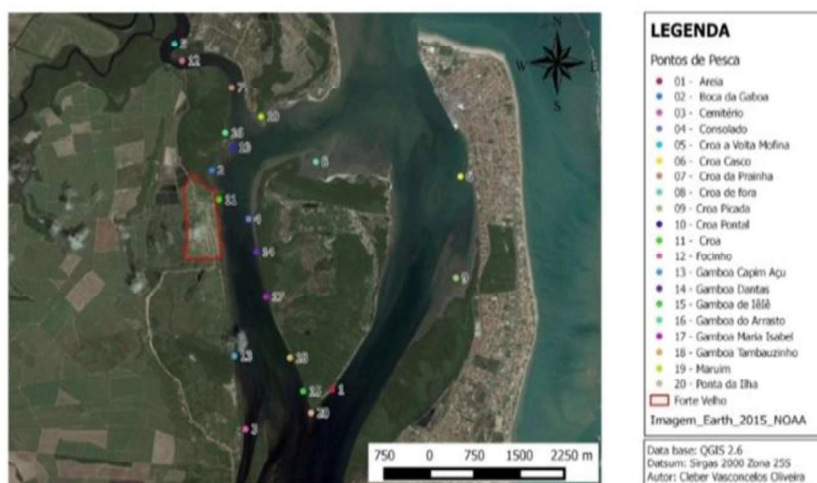
Fonte: Cleber Oliveira, 2018.

## IDENTIFICAÇÃO DOS PONTOS DE PESCA E ESPÉCIES DE VALOR COMERCIAL NO ESTUÁRIO DO RIO PARAÍBA

Há 20 pesqueiros no Estuário do Rio Paraíba do Norte (ERP), identificados como espaços de uso da pesca para os pescadores da comunidade Forte Velho (Figura 4), sendo estes classificados em Croas e Gamboas. A fisiogeografia destes ambientes dispõe particularidades e semelhanças quanto ao recurso explorado, petrecho empregado e seletividade do pesqueiro.

O ERP abrange geograficamente quatro municípios, obrigando os pescadores (as) de Forte Velho partilhar boa parte dos mesmos locais de pesca com outras comunidades, não havendo registro de conflitos significativos

quanto ao uso compartilhado desses espaços de pescas pelas demais comunidades de pescadores. O critério de escolha dos pesqueiros atende às condições climáticas e do período em que eventualmente as espécies fazem-se mais presentes em determinado local (se na Croa, no meio do rio, juntos às Gamboas ou dentro do manguezal). A tomada de decisão e as estratégias empreendidas pelos pescadores obedecem estritamente ao Conhecimento Ecológico Local (CEL) (se a maré está calma ou agitada, se faz vento, se está nublado, se faz sol, condição lunar etc.) sobre as espécies e também a cooperação partida da indicação de outros pescadores.



**Figura 4.** Localização dos Pontos de Pesca no Estuário do Rio Paraíba.

A escolha do pesqueiro ocorre geralmente “momentos antes de entrar no rio e com mais frequência no decorrer da pescaria”, podendo também ocorrer por “indicação de alguém que pescou bastante tal espécie, em tal lugar”.

Dessa forma, tal como em outros contextos e espaços de pesca, o saber nativo em relação aos elementos naturais, a cooperação mútua na definição da escolha e localização dos pontos de pesca, as condições de acesso aos locais e meios de trabalho e os códigos e normas que norteiam o uso dos territórios e seus recursos em diferentes estações do ano tem forte representatividade no ambiente das pescarias de Forte Velho.

Pode explicar a pacificação entre essas diferentes comunidades, a obediência implícita e informal das regras consoante utilização desses espaços. Dentre as normativas elementares estariam: a ordem de chegada ao pesqueiro, estabelecimento de uma distância “tolerada” entre as equipes de pesca e o respeito à inviolabilidade dos petrechos e embarcações.

No tocante a descrição dos pesqueiros “Croas” ou “Coroas” e Gamboas/Camboas, os pescadores as descrevem como pontos ótimos de pesca, propícios a modalidades específicas de pescarias, mas com poucas particularidades nas espécies guardadas (Quadro 1). Os pesqueiros definidos como *croas* condizem com as áreas de intermarés, compostas de substrato lodo-arenoso que afloram na baixa-mar, sendo naturalmente propícias à reprodução de moluscos genericamente conhecidos por “mariscos”.

Das espécies citadas pelos pescadores/ras, 24 são peixes; três moluscos (Ostra de Galho, Sururu de Lama e Marisco de Areia) e três formadas por crustáceos (Caranguejo-Uçá, Siri, Aratu). Em face o caráter etnográfico da pesquisa, a descrição das espécies capturadas preconiza a nomenclatura usual empregada pelos pescadores de Forte Velho, portanto, optamos por desconsiderar a ictiologia científica nessa caracterização, embora se reconheça a necessidade de posterior classificação, para fins de avaliação qualitativa destas espécies.

Isto posto, a geomorfologia estuarina no ERPN torna a distinção entre as espécies de peixes capturados preamar ou baixa-mar bastante acentuada comparativamente às Croas e Gamboas. Todavia, o pesqueiro “Areia” – não enquadrado em nenhuma das categorias – aparece como único ponto onde essa variação é menos significativa. Na “Croa Maruim”, espécies oceânicas, como *Xaréu*, *Camurupim* e o *Peixe-Espada*, são mais percebidas no período de verão, em razão da entrada de água marinha em maior volume no Estuário.

As espécies, *Carapeba*, *Camurupim*, *Pescada Amarela*, *Robalo/Camurim* e *Tainha*, por razão da qualidade da sua carne, figuram como as de valor comercial mais elevado; seguido dos crustáceos (*camarão e o Caranguejo Uçá*) e os moluscos (“*Sernambi - Marisco*” e *Ostras*), nessa ordem.

**Quadro 1.** Espécies mais Pescadas no ERPN

Nome do pesqueiro	Espécie (s)	Espécie (s)
	Preponderante (s) capturada (s) maré alta	Preponderante (s) capturada (s) maré baixa
Croa Picada	Arraia de croa, Boca Mole, Camurim <sup>1</sup> , Carapeba, Cururuca <sup>2</sup> , Pampo, Paru, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá, Saúna <sup>3</sup> , Tainha <sup>4</sup>	Camarão, Marisco, Siri, Sururu Ostra
Croa/Croinha	Saúna, Tainha, Camurim	Camarão, Caranguejo Marisco, Siri, Ostra, Sururu



CONDOMÍNIO ATLÂNTICO: ESTUDOS E DEBATES

Croa Pontal	Agulha, Amoré, Arraia de Croa, Bagre Amarelo, Camboeiro, Camurim, Carupé, Coró, Espada, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Sardinha Azul, Tainha, Saúna, Xaréu	Marisco, Siri, Camarão, Ostra, Sururu
Gamboa do Arrastado	Amoré, Ariaçu, Boca Mole, Carapeba, Camurim, Pampo, Sanhoá, Tainha	<i>idem</i>
Croa da Prainha	Ariaçu, Arraia, Carapeba, Camurim, Cururuca, Paru, Pampo, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá	Camarão, Caranguejo, Marisco, Siri, Sururu, Ostra
Croa Fucinho	Arraia de croa, Boca mole, Camurim, Carapeba, Cururuca, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá	<i>idem</i>
Croa a Volta Mofina	Arraia, Boca Mole, Carapeba, Cururuca, Camurim, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá, Saúna, Tainha, Xaréu	<i>idem</i>
Croa Casco	Agulha, Amoré, Arraia, Bagre mandinho, Bagre Amarelo, Camboeiro, Camurim, Carupe, Coró, Pampo, Paru, Sardinha Azul, Saúna, Tainha, Xaréu	<i>idem</i>
Gamboa Maruim	Espada, Camurupim, pescada Amarela, Tainha, Saúna, Bagre, Carapeba	Marisco, Siri
Croa de Fora	Arraia, Carapeba, Saúna, Tainha,	Caranguejo, Marisco, Siri, Sururu Ostra
Gamboa Dantas	Sauna tainha, sanhoa, carapeba,	<i>idem</i>

Gamboa Capim-Açu	Arraia, Boca Mole, Camurim, Carapeba, Cururuca, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Pescada Branca, Pururuca, Sanhoá, Saúna, Tainha	Siri, Marisco, Caranguejo
Gamboa Mãe Izabel	<i>idem</i>	Siri, Caranguejo Uça, Sururu, Ostra
Gamboa Boca da Gamboa	Arraia, Boca Mole, Camurim, Carapeba, Cururuca, Paru, Pampo, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá, Saúna, Tainha, Xaréu	<i>idem</i>
Gamboa Tambauzinho	Amoré, Ariaçu, Camarão, Cururuca, Ostra, Pescada Amarela, Tainha	<i>idem</i>
Gamboa de Iêê	Arraia, Bagre, Saúna, Sanhoá, Siri, Marisco, Ostra, Pampo	<i>idem</i>
Croa Cemitério	Arraia, Bagre Camboeiro, Bagre Mandinho, Bagre Amarelo, Marisco, Pampo, Sanhoá, Siri, Ostra	<i>idem</i>
Croa Ponta da Ilha	Arraia pintada, Arraia Quatro Ventas, Bagre, Pampo, Paru, Siri	Siri, Sururu, Marisco
Areia	Arraia Pintada, Arraia Quatro Ventas, Arraia de croa/mijona, Ariaçu, Bagre Amarelo, mandinho, Camarão, Paru, Pampo, Sardinha Azul	<i>idem</i> maré alta + siri
Croa Consolado	<i>idem</i>	<i>idem</i>

<sup>1</sup> *Camurim*, idem Robalo; <sup>2</sup> *Curuca* idem Corvina; <sup>3</sup> *Saúna*, idem Tainha, de tamanho menor;

<sup>4</sup> Curimã, idem Tainha. Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Os trabalhos de Silva (2006) e Targino (2012), no estuário Itapessoca, PE e na RESEX Acaú/Goiana, PB/PE, nesta ordem, apontam que as espécies

de *peixes, crustáceos e mariscos*, bem como, petrechos e técnicas de captura, são similares àqueles observados na comunidade Forte Velho. No entanto, a captura do caranguejo, beneficiamento e a pescaria nos diferentes pesqueiros entre homens e mulheres, diferem-se, sugerindo relação e espacialização trabalhista mais conservadoras que as verificadas nas outras duas comunidades, como, por exemplo, o trabalho da captura como tarefa masculina e beneficiamento (retirada da carne), eminentemente feminina.

Conforme Casais e Souto (2011), corresponde a ecozonas transicionais entre o ambiente de terra firme e áreas de mangue, sendo frequentemente acessados sem a necessidade de embarcação. Marques, (1991); Nishida, (2000); D'Angelis, (2014), identificaram essa mesma unidade paisagística no litoral paraibano, embora Silva (2006) e Souto (2010) as denomine de “coroas” em Barra do Iguape, Bahia e em Itapessoca, Pernambuco, respectivamente. *Gamboas*, por sua vez, correspondem às desembocaduras de córregos, “canais” de rios semi-abrigados da ação das marés que permitem a troca entre água doce do continente e salgada do mar. Pescadores artesanais de ambientes estuarinos, de forma geral, dispõem de notório saber dos locais em ambientes aquáticos específicos para a pesca do dia. Dessa maneira, os pescadores e marisqueiras de Forte Velho aproveitam esse conhecimento para explorar as potencialidades de captura nos diferentes aglomerados de exploração.

## QUANTO A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS PESCADORES

Com base no levantamento realizado com o questionário individual socioeconômico da pesca, obteve-se a *relevância da atividade pesqueira individual*, apontada como  *muito elevada*, com 92%, enquanto 8% dos

participantes a descrevem apenas como *elevada*. No entanto, questionados a respeito do *grau de importância da pesca na comunidade*; 68,75% dos entrevistados afirmam ser  *muito elevada*; 25% *elevada* e 6,25% não opinaram, havendo, portanto, compatibilidade acerca das duas percepções.

No tocante a percepção acerca do tamanho dos peixes capturados nos últimos anos, 81,25% afirmaram *não ter mudado* e 18,75% *notou diferença*. A respeito do volume capturado, 43,75% disseram haver *diminuído*, 31,25% *não ter alterado*, enquanto 12,5% não souberam responder. Procurando compreender a diminuição dos estoques questionamos a respeito das possíveis causas. O entendimento coletivo apontou que 86% atribuíram a *fatores antrópicos*, sobretudo, *a contaminação do rio* 65%; *sobrepesca* 24% e *erosão* 11%, respectivamente.

Para 89% dos participantes, a diminuição dos estoques tem fatores exteriores à Comunidade, muito embora essa apresente problemas referente ao descarte irregular de resíduos. Neste caso, os *resíduos sólidos/“lixo comum”* 61,4% aparece como o principal agente de redução das espécies, seguido dos efluentes domésticos 18,4%; a carcinicultura do camarão 9,5%; enquanto 10,7% não souberam responder.

Os resultados supracitados são corroborados com Marcelino (2000; 2005), Guedes (2004) e Araújo (2014), esses apontam a problemática da contaminação por resíduos, de efluentes domésticos inadequados e a aquicultura do camarão-branco no ERPN como elementos igualmente comprometedores da sanidade ambiental do estuário e dos estoques.

Assim, é possível depreender que embora a importância da atividade pesqueira seja expressiva no âmbito individual e comunitário, é preciso destacar que a atividade experimenta momentos desafiadores à sua

manutenção. Como supracitado, a problemática ambiental e de gestão dos recursos aquáticos tem estreita relação no aparecimento do fenômeno da (pluriatividade) extrapesca, sobretudo nas tarefas terciárias como o comércio, construção civil, alimentação, turístico, etc. repercutindo, desta forma, para a insustentabilidade do setor pesqueiro artesanal como o conhecemos.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Levantamentos socioeconômicos e ambientais corroboraram as condições de vida e trabalho contemporâneas entre os(as) pescadores (as) de Forte Velho. Dependentes dos recursos naturais, estes exploram os recursos artesanalmente nos 20 diferentes pontos de pesca identificados no estuário.

O aumento das incertezas na pesca e a redução no quantitativo dos estoques têm comprometido os rendimentos das famílias no tocante o suprimento de suas necessidades de consumo básicas, motivando-os a buscar nas atividades extrapesca (pluriatividade), estratégias de reprodução social distinta àquelas às quais estão culturalmente habituados.

Nesta direção, a dialética natureza e meio social aparece em franca mutação ante os eventos de ordem político-econômicos nacionais que tem ressignificado o *status quo* da pesca artesanal nos últimos vinte e cinco anos. A inoperância do Poder Público na promoção de políticas afirmativas e de incentivo ao setor compromete os direitos dos trabalhadores que estão na ativa, concomitantemente em que desestimula o ingresso das novas gerações na profissão, inviabilizando sua continuidade.

Apesar do contexto socioeconômico delicado porque de forma geral vivencia a pesca artesanal; ações direcionadas à gestão dos recursos aquáticos e de participação e controle social dos diferentes atores envolvidos, principiam

iniciativas positivas no compartilhamento de responsabilidades entre representantes do Estado e da Sociedade Civil organizada.

## AGRADECIMENTOS

Aos pescadores (as) e à Colônia de Z-11 de Forte Velho pela generosidade e participação no trabalho e em especial, o acolhimento por parte do Sr. Antônio Elias Pessoa Filho (Pessoinha) *in memoriam*; ao Sr. Juscinei Silva e ao Centro de Amparo à Pesquisa – CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A.S. de. *Metamorfoses da Paisagem dos Manguezais do Estuário do rio Paraíba*. Dissertação de Mestrado. UFPB. 2014.
- AAKER et al. *Marketing Research*. 12ed. New York: John Wiley & Sons, Inc. 2001.
- AESA, Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba. João Pessoa, 2013.
- AMANAJÁS, V.V. de. Pesca e perfil socioeconômico dos pescadores artesanais da fronteira setentrional do Brasil: a comunidade pesqueira de Oiapoque, Amapá. *Revista Franco-brasileira de Geografia – CONFINS*. N.37. 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/15619>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- BAILEY, K.D. *Methods of Social Research*. New York: The Free Press, 1982.
- BEGOSSI, A. Áreas, Pontos de Pesca, Pesqueiros e Territórios na pesca artesanal. In: BEGOSSI, A.; LEME, A.; SEIXAS, C.S.; CASTRO, F.; PEZZUTI, J.; HANAZAKI, N.; PERONI, N.; SILVANO, R.A.M. (Ed.).

*Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: HUCITEC, p.223-253, 2004.

DIEGUES, A.C.S. *O Nosso Lugar virou Parque*. São Paulo: NUPAUB. USP, 1999.

FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação). *O estado de segurança alimentar e nutrição no mundo. Fomentando a resiliência em prol da paz e a segurança alimentar*. Roma, FAO, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GOVERNO DA PARAÍBA. Disponível em: <[www.paraiba.pb.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=7421&itemid=2](http://www.paraiba.pb.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7421&itemid=2)>. 2006.

GUEDES, L.S da. *Monitoramento Geoambiental do Estuário do Rio Paraíba do Norte através da Cartografia Temática e Digital de Produtos de Sensoriamento Remoto*. Dissertação de Mestrado. UFRN, fls 90, Natal, 2002.

HAIR, J.F.; BABIN, B.; MONEY, A.H.; SAMUEL, P. *Fundamentos Métodos de Pesquisa em Administração*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

INEP. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://inep.gov.br/censo-escolar>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

LIMA, M.A.L.; DORIA, C.R.C. da FREITAS, C.E. Carvalho de. Pescarias Artesanais em Comunidades Ribeirinhas na Amazônia Brasileira: perfil socioeconômico, conflitos e cenário da atividade. *Ambient. soc.*, V.15, N.2, p.73-90, 2012.

LIMA, T.C.S. *Ocorrência de Bactérias Fecais e Patogênicas na Carne do Carangueiro-Uçá (Ucides cordatus), Água e Sedimentos do Mangue do Rio*

- Paraíba do Norte, PB*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 1999.
- MADRUGA, A.M. *Litoralização da Fantasia da Liberdade à Modernidade Autofágica*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 1992.
- MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres & Mares: espaço e indivisão da pesca marítima*. São Paulo: Annalume, 1993.
- MARCELINO, R. L. *Diagnóstico Socioambiental do Estuário do Rio Paraíba do Norte-PB, com Ênfase nos Conflitos de Uso e Interferências Humanas em sua Área de Influência Direta*. Dissertação (Mestrado em Gerenciamento Ambiental), UFPB, João Pessoa, 2000.
- MARCELINO, R.L. et al. Uma Abordagem Sócioeconômica e Sócio-ambiental dos Pescadores Artesanais e outros Usuários Ribeirinhos do Estuário do Rio Paraíba do Norte, Estado da Paraíba, Brasil. *Tropical Oceanography*, Recife, V.33, N.2, p.183-197, 2005.
- MARQUES, J.G.W. *Aspectos Ecológicos na Etnoictiologia dos Pescadores do Complexo Estuarino-Lagunar Mandau-Manguaba, Alagoas*. Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP, 1991.
- MUSSOLINI, G. O Cerco da Tainha na Ilha de São Sebastião. *Revista de Sociologia*, 7 (3), p.135-147, 1945.
- NISHIDA, A.K. *Catadores de Moluscos do Litoral Paraibano. Estratégias de Subsistência e Formas de Percepção da Natureza*. São Carlos, SP. (Tese de Doutorado), UFSCar, Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2000.
- PETRERE JR., M.; WALTER, T.; MINTE-VERA, C.V. Income evaluation of small-scale fishers in two Brazilian urban reservoir: represa Billing (SP) and Lagoa Paranoá (DF). *Brazilian Journal of Biology*, 66(3): 817-828, 2006.



RODRIGUES, J.A.; GIUDICE, D.S. A pesca marítima artesanal como principal atividade socioeconômica: o caso de Conceição de Vera Cruz, BA. *Cadernos do Logepa* V.6, N.2, p.115-139, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/logepa/article/view/11738>>.

Acesso em: 6 nov. 2018.

SILVA, J.B. da. *Territorialidade da Pesca no Estuário de Itapessoca-PE: técnicas, petrechos, espécies e impactos ambientais*. Dissertação de Mestrado. UFPE, 2006.

SILVA, S.M. *Pesca Artesanal: a história, a cultura e os (des)caminhos de Lucena, PB*. Dissertação de Mestrado, UFPB, 2012.

SOUTO, F.J.B. *Tudo tem seu Lugar: uma abordagem etnoecológica das ecozonas em uma comunidade pesqueira no litoral da Bahia*. In: ALVES, A.G.C.; SOUTO, F.J.B.; PERONI, N. (Org.). *Etnoecologia em Perspectiva: natureza, cultura e conservação*. Recife: NUPEEA, 2010.

SOUZA, A.C.; D'ANDREA, A.F.; SILVA, O.A da.; ALBUQUERQUE, J.G.; SILVA, F.K.F. da. *Análise exploratória da qualidade da água do estuário do Rio Paraíba, Cabedelo-PB, empregando análise de componente principal*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Paraíba – IFPB, 2013.

